

MODELO *SLOW CITY* PARA TECNOLOGIA SOCIAL NA GESTÃO MUNICIPAL: O CASO DE RIO DOCE MG.

Raíra Saloméa Nascimento^{1*}, Brendow de Oliveira Fraga², Magnus Luiz Emmendoerfer³

1. Estudante de IC da Universidade Federal de Viçosa
2. Doutorando no PPGA da Universidade Federal de Viçosa / Coorientador
3. PPGA-UFV- Departamento de Administração / Orientador

Resumo:

Esta pesquisa uniu conceitos de Tecnologias Sociais (TS) com o modelo cultural de desaceleração movimento *Slow City*, ou Cidade do Bem Viver, que visa o desenvolvimento planejado e sustentável das cidades de pequeno porte em todo o mundo, por meio da valorização da produção e consumo conscientes em nível local.

O objeto de estudo, o município de Rio Doce em Minas Gerais, é onde nasce o rio homônimo e por onde também passaram os dejetos da barragem de Bento Rodrigues, em 2015. O município foi eleito como um dos mais transparentes do país em 2016 e deu início ao processo de adequação para se tornar a primeira *Slow City* brasileira.

Dessa forma, foi proposto identificar, a partir dos anseios sociais e saberes populares dos que habitam o território, tecnologias sociais em curso ou possíveis nos territórios do município e a contribuição destes como instrumentos para o fortalecimento e legitimação do movimento *Slow City* e a para a gestão pública em cidades de pequeno porte.

Autorização legal: Número do Parecer: 1.865.100 CEP/CONEP

Palavras-chave: cidades do bem viver; administração de municípios; desenvolvimento local;

Introdução:

Em tempos de produção exaustiva e profusão de tecnologias para encurtar o tempo e a distância, surgem movimentos alternativos a partir da mudança da lógica produtiva e da valorização dos saberes tácitos e explícitos dos indivíduos. Entre eles o movimento cultural de desaceleração do ritmo de vida nas sociedades *Slow*. Emergente na década de 1980 na Europa ele sugere novas formas de gestão participativa para o meio ambiente, as cidades e as mais diversas ações do cotidiano, como educação, alimentação e turismo, respeitando o ritmo natural de cada pessoa e da natureza. Em sua vertente para cidades, conhecida como *Slow City* ou Cidades do Bem Viver, o movimento propõe a gestão pública orientada para os cidadãos, a fim de solucionar os problemas da comunidade, bem como identificar e viabilizar novas oportunidades para o município, transformando o cidadão em coprodutor de políticas e serviços públicos.

Na mesma via desse movimento, as Tecnologias Sociais (TS), emergentes do Brasil também na década de 1980, surgem como um novo modelo gerador de ciência para o desenvolvimento social sustentável. As TS são uma alternativa estratégica para mobilizar territórios e atores sociais a fim de solucionar problemas sociais e econômicos, valorizando o potencial e a cultura locais, fugindo da dependência e do direcionamento mercadológico, comuns nas tecnologias convencionais.

Para observar a interação entre esses dois movimentos congruentes, este trabalho aborda as experiências do município Rio Doce, em Minas Gerais, que deu início em 2015 ao processo de adequação para se tornar a primeira *Slow City* brasileira. Rio Doce é a sede da nascente do rio homônimo e uma das cidades atingidas pela maior tragédia ambiental brasileira, ocorrida em 2015, com o rompimento da barragem de dejetos de minério em Bento Rodrigues, distrito de Mariana – MG. O município foi eleito como um dos mais transparentes do país em 2016.

Tem-se como objetivos da pesquisa descrever a conjuntura do município de Rio Doce e o potencial do mesmo no que tange a TS; analisar o processo de implementação do modelo *Slow City* no município em análise; identificar as potenciais e reais tecnologias sociais e a contribuição destas para o desenvolvimento local; descrever a partir da experiência em Rio Doce; o desenvolvimento de um roteiro prático para a utilização de TS como um contributo para a implementação do modelo *Slow City* em municípios de pequeno porte.

Metodologia:

Este foi um estudo qualitativo de carácter descritivo que utilizou o método de observação participante para analisar a realidade local à luz das discussões teóricas desta revisão de literatura e realizar um produto

tecnológico final.

Conforme Peruzzo (2003, p.1), “a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural da ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”. Pode ser dividida em três modalidades, sendo uma delas a observação participante. Esta última, tradicional nos campos da antropologia, sociologia e comunicação, vincula-se comumente “a setores populares, visando a sua inclusão social como atores do processo de conhecimento e beneficiários dos resultados encontrados” (PERUZZO, 2003, p.9)

Ainda segundo Peruzzo, o pesquisador observador participante deve acompanhar e viver a situação em que se insere seu objeto de pesquisa e, apenas em casos excepcionais, deixa de ser apenas observador para se tornar membro do grupo. Ele também é autônomo e pode registrar informações e interpretações sobre o que foi observado sem interferências do grupo. Durante toda esta pesquisa o papel de pesquisador observador participante foi revelado aos grupos observados.

Em uma fase exploratória os pesquisadores acompanharam uma das etapas do processo de implantação do Movimento *Slow City* em Rio Doce. Posteriormente, realizaram inserção analítica utilizando entrevistas semiestruturadas de caráter qualitativo realizadas com os atores sociais envolvidos em atividades comunitárias que podem ser identificadas como TS potenciais ao desenvolvimento local na cidade de Rio Doce - MG. Os grupos entrevistados foram: Associação Comunitária Rural de Santana do Deserto, Associação dos Agricultores Familiares de Rio Doce e Região, Associação Comunitária Rural do Jorge e Associação de Costura de Rio Doce, esta última, único grupo urbano.

Como método para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo categorial, conforme Bardin (1977). Este método reúne técnicas de descrição e sistematização do conteúdo de mensagens visando obter indicadores que permitam interpretações e inferências considerando o contexto de produção destas mensagens. O método é feito em três etapas: a descrição do conteúdo, enumerando características do texto; a interpretação dos significados dessas características e a inferência, uma análise lógica que admite uma proposição decorrente de outras já aceitas.

Resultados e Discussão:

Identificou-se em uma das comunidades um potencial de homens sem atividades econômicas, desempregados pela interrupção de atividades devido ao desastre ambiental do rio Doce e expansão do agronegócio. Estes homens mantêm-se distantes das alternativas de TS reais em Rio Doce, que se localizam em maioria no campo da culinária. É possível perceber também uma desconsideração do potencial da agricultura familiar, subutilizando os espaços para cultivo nos quintais, o saber popular e a prática já existentes, o saber técnico disponível pela Emater e o mercado consumidor possível.

Durante a fase exploratória da pesquisa foi possível perceber a aptidão para o turismo no município. Local onde nasce o rio Doce, um dos mais importantes de Minas Gerais, alvo de atenções pelo maior desastre ambiental brasileiro e, por hora, única cidade da região em processo de adequação ao Movimento *Slow City*. Identificou-se ainda grande potencial para geração de um espaço *Slow Food* (alimentos locais preparados de modo caseiro com receitas locais); potencial para novas TS em espaço urbano e para transferência de saberes e orientação de um grupo produtivo para outro.

Como resultado, desenvolveu-se um modelo a ser utilizado como diretriz do desenvolvimento local em cidades que tenham o interesse em desenvolver TS. Tal modelo adota como contexto de inserção a filosofia geral do Movimento *Slow City*. O modelo foi construído a partir das experiências observadas em Rio Doce mas propõe um método de aplicação e replicação possível a qualquer cidade que objetive se adequar ao movimento *Slow City* ou ainda promover TS à luz dessa filosofia. Ele se dá em duas etapas: a primeira é a identificação das TS reais no município ou comunidade e a aproximação destas à lógica *Slow City*; a segunda é impulsão de TS potenciais para o desenvolvimento local.

Dessa forma, reafirma-se a legitimidade de movimentos contrários ao modelo de produtividade corrente e a contribuição destes para a gestão pública e o desenvolvimento local do município por meio do fortalecimento das potencialidades locais, produzindo efeitos tangíveis e intangíveis.

Conclusões:

Não obstante às situações de longo período de desemprego e às visíveis possibilidades de empreendimento popular, como o artesanato, a culinária de pratos e quitutes típicos, os terrenos propícios à plantação, em outras palavras, as TS em forma, foi possível perceber que a população rural se manteve inerte à espera de uma solução ortodoxa, como a vinda de uma grande empresa, e da ação do poder público, sem ações proativas para o desenvolvimento local e pessoal. É possível perceber o forte protagonismo feminino nas TS mas, há ainda uma relação patriarcal, com a presença dos homens em processos decisórios e financeiros, embora não participem das iniciativas para formação dos grupos nem das tarefas produtivas.

Ainda que originárias de uma vontade popular - e importante destacar, das mulheres locais - todas as associações entrevistadas só começaram as atividades com a atuação direta da Emater e o financiamento da prefeitura e seguem ainda dependentes do poder público - exceto a Associação de Costura de Rio Doce - seja para manutenção de suas atividades ou como destino final de sua produção. Essa característica de dependência do poder público, identificada em todos os aspectos e âmbitos de Rio Doce, interfere consideravelmente na proposta de TS.

A respeito do desastre ambiental no rio Doce é possível constatar a relação confusa das populações mais carentes com as consequências do desastre ambiental. Para além das perdas afetivas e de memória, relacionadas ao uso recreativo e cultural do rio, parte dos moradores parecem desconhecer, pela falta de informação, as perdas ambientais e financeiras incalculáveis e irrecuperáveis.

Por fim, foi possível também identificar o distanciamento das comunidades rurais das ações públicas realizadas na zona urbana. Nenhum dos membros das associações rurais entrevistados, mesmo frequentando a zona urbana diariamente, disse conhecer o projeto *Slow City*, já desenvolvido em Rio Doce há um período de um ano e meio. Apenas alguns membros da Associação localizada na zona urbana disseram ter “ouvido falar” sobre o movimento, mas sem muita informação, se mantiveram distantes.

Ainda que consideremos o impossível alcance de todos os 2.468 moradores do município que, certamente, mesmo morando na zona urbana não souberam das ações realizadas no município para implementação do movimento, por razões diversas, tratamos aqui de líderes comunitários que desempenham importante papel no desenvolvimento econômico e social de suas comunidades e, principalmente, alvos primordiais do Movimento *Slow City*, por praticarem cotidianamente o uso do tempo e dos recursos em ritmo local, o que questiona o real alcance das metodologias de participação popular democrática e demonstram as falhas deste processo.

Referências bibliográficas

- ARINS, Henrique Budal. **Movimento Slow: Uma Análise Sob a Ótica Dos Enclaves Do Ecodesenvolvimento**. 2009. 99 f. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Administração. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- BAUER, Rafael Chequer. **Movimento Slow Travel no Contexto Cultural do Turismo no Brasil: desafios e perspectivas**. 2015. 159 f. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Filosofia. ECA-USP, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- CARVALHO, Rubens M. R. **Cittaslow: Vida Lenta e Sustentabilidade nas Cidades do Bem Viver**. Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes, v.03 n.07, 2015, pp. 37-52.
- CHOLLET, Mona. **Batalha Silenciosa pelo Tempo**. Le Monde Diplomatique Brasil. Artigo de 04/04/2012. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/batalha-silenciosa-pelo-tempo/>>
- CITTASLOW (International). **Cittaslow International Network**. 2015. Disponível em: <<http://www.cittaslow.org/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- DONATO, Hernâni. **Como o homem domou o tempo: o romance do calendário**. São Paulo: Melhoramentos, 1955.
- FRIGOTO, Gaudêncio. **A escola como ambiente de aprendizagem**. PUC: São Paulo, 2003.
- GOMES, Christianne Luce. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: UFMG, 2ed. 2008.
- HONORÉ, Carl. **Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MACIEL, Ana Lúcia Suárez; FERNANDES, Rosa Maria Castilhos. A importância das dinâmicas estaduais para a difusão de Tecnologias Sociais. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação**, Brasília, p.25-30, 2010.
- MOTTA, P. R. A gestão estratégica do município. In: VERGARA, S. C.; CORRÊA, V. L. A. **Propostas para uma gestão pública municipal efetiva**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- PAULA, Juarez de. O desafio da inovação para as micro e pequenas empresas. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação**, Brasília, p.53-57, 2010.
- PERUZZO, Círcia M. K. Observação Participante e Pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 1986a.

SARATE, Fernanda Michele Maciel. **O Movimento Slow Life e a Desaceleração da Sociedade de Consumo Contemporânea**. 2009. São Leopoldo: Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social Publicidade e Propaganda. Unisinos, 2009.

SERVAN-SCHREIBER, Jean Louis. **A arte do tempo**: ensaio de ação. São Paulo: Cultura, 1991

SLOW FOOD (Brasil). O Movimento Slow Food (Manifestos, Textos e Notícias). 2013. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

SOUZA, Jerônimo Rodrigues. Tecnologias Sociais e Políticas Públicas: Um exercício de Democratização para o Desenvolvimento Social. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável**: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, Brasília, p.47-52, 2010.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo** Um guia prático. Brasília: Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.